

EM BUSCA DA IDENTIDADE PERDIDA

Por **LUIZ SERENINI PRADO**
luizsere9@gmail.com
PUC Goiás

Resumo:

Este artigo propõe uma discussão sobre o fenômeno relacionado com a crise de identidades provocada pelo advento das novas tecnologias e tudo que isso pode acarretar em relação à comunicação das empresas com seus públicos, particularmente os situados entre os 8 e 14 anos.

Palavras - chave: Identidade, cultura, pós-modernidade

Estamos todos em movimento. Com estas quatro palavras, Bauman (1999) apontou uma característica muito marcante destes tempos de globalização em que vivemos, e que encaminham para a possibilidade muito latente de uma situação que pode ser denominada como de dificuldade na identificação das identidades. O próprio Bauman afirma que, dentro da nossa caracterização de viajantes, muitos não precisamos nem mesmo sair de onde estamos para alcançar o intento. Para ele, a maioria está em movimento mesmo quando fisicamente parada. Por exemplo: à frente de um aparelho de televisão,

(...) quando, como é hábito, estamos grudados na poltrona e passando na tela os canais de TV via satélite ou a cabo, saltando para dentro e para fora de espaços estrangeiros com uma velocidade muito superior à dos

jatos supersônicos e foguetes interplanetários, sem ficar em lugar algum tempo suficiente para ser mais do que visitantes, para nos sentirmos em casa.

(BAUMAN, 1999, p.84)

É natural que, dentro deste panorama muito assemelhado às sensações proporcionadas por um caleidoscópio, a distância não parece importar muito, mais existindo para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite ao desrespeito, numa referência ao adágio de Pascal, segundo o qual vivemos num estranho círculo cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma. Outro referencial imediato à mesma percepção remete a Hall (2004), quando faz menção à chamada compressão tempo-espaço como outra característica

marcante da pós-modernidade, onde as distâncias são encurtadas e tudo acontece de maneira extremamente rápida, o que acaba por contribuir decisivamente para a formação (ou falta de formação) das identidades. Para o autor, o importante quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que

o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais (HALL, 2004, p. 70)

Este sentimento de que tudo ocorre em alta velocidade e descompromissadamente em relação à perenidade acaba por sugerir que, tanto quanto o caráter passageiro dos fenômenos, tem-se também a consequência da falta de registro histórico dos acontecimentos. Ao invés de experiências ou vivências duradouras, vivemos a consagração única e exclusiva do que é recente, do que é o novo. No entanto, Stuart Hall associa este estado de efemeridade a um outro aspecto, este relacionado a uma particularidade típica da sociedade americana:

(...) algumas características espantosas na cultura contemporânea que certamente tendem a ultrapassar os conceitos teóricos e críticos gerados no primeiro período do modernismo [...] Também aceito que essas mudanças podem significar

novas posições subjetivas e identidades sociais para as pessoas. Mas não acho que exista algo absolutamente novo e unificado como a condição pós-moderna. Essa é uma outra versão para a característica amnésia histórica da cultura americana - a tirania do Novo. (MORLEY; CHEN, 1996, p. 133)

Neste contexto de globalização, velocidade e compressão tempo-espaço, um dos ícones de maior pregnância – senão o maior – é o advento da Internet. Nenhum outro artefato ou artifício permitiu de maneira tão coletivizada que os viajantes de Bauman pudessem exercitar tão dramaticamente esta experiência, em muitas vezes sem sair do próprio lugar. Se, no geral, a sugestão de viajar causa boa receptividade, ela será ainda maior se for estabelecido um recorte apenas nos limites etários propostos neste trabalho.

De fato, o que não falta são meninos e meninas dispostos a viajar pelos encantos da Internet, a julgar pelos expressivos números exibidos pela pesquisa Ibope/NetRatings XIX. Considere-se a relevância de que o Brasil está em primeiro lugar no quesito de tempo médio mensal de conexão, alcançando o índice de 15 horas e 25 minutos, 4 horas a mais do que o segundo lugar, os Estados Unidos. Nestas tantas horas, as crianças e adolescentes concentram suas preferências em pesquisar sítios de busca (68%), bater papo em sítios de conversação interativa

(66%) e juntar-se a comunidades de identificação¹ (63%), para citar apenas as três maiores finalidades. A que mais sobejamente interessa a este projeto é, sem dúvida, a terceira citação, em função de particularizar a formação das identidades.

Sobre estas, Suely Rolnik afirma, em seu texto *Toxicômanos de Identidade*, que

a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades produz kits de perfis-padrão para serem consumidos pelas subjetividades independentemente de qualquer contexto. (...) Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis, que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (...) A nova situação não significa o abandono da referência identitária. As subjetividades insistem em sua figura moderna, ignorando as forças que as compõem. (ROLNIK, 1997, p. 20)

Diante deste abalo à ilusão identitária, um paliativo recorrente passa a ser um mercado de drogas que “sustenta e produz essa demanda de ilusão” (id., p. 22), promovendo a toxicomania generalizada. Mas, que drogas serão estas? Desde as convencionais, farmacológicas, até as tecnológicas, oferecidas abundantemente pelos veículos de comunicação, entre outras como a disponibilizada intensa e ininterruptamente pelas emissoras de televisão, todas elas lembradas pela autora.

(...) A droga oferecida pela TV (que os canais a cabo só fazem multiplicar), pela publicidade, pelo cinema comercial e por outras mídias mais. Identidades prêt-à-porter, figuras glamorizadas imunes aos estremecimentos das forças. (...) Os viciados nesta droga vivem dispostos a mitificar e consumir toda imagem que se apresente de forma minimamente sedutora. (...) Outra é a oferecida pela literatura de auto-ajuda (...) incluindo a produção esotérica, o boom evangélico e as terapias que prometem eliminar o desassossego, entre elas a neurolingüística, programação behaviorista de última geração. (...) Muito procuradas, por fim, são as drogas oferecidas pelas tecnologias diet/light. Múltiplas formas para uma purificação orgânica e a produção de um corpo minimalista, maximamente flexível. É o corpo top model, fundo neutro em branco e preto sobre o qual se vestirá diferentes identidades prêt-à-porter. (ROLNIK, 1997, pp. 22-3)

Acima de tudo, aí está evidenciada a standardização das identidades, estabelecida pelos modelos propostos pelos meios convencionais e as denominadas novas configurações midiáticas. Como Rolnik estabelece, há uma clara contraposição entre dois pólos: se de um lado estão postas as ondas de reivindicação identitária que ela associa às minorias sexuais, étnicas, religiosas etc., de outro está a síndrome do pânico, correspondente à exacerbação das instabilidades, o que resultaria em ultrapassar alguns limites de suportabilidade. Esta experiência significaria, para Suely Rolnik, a ameaça imaginária de

descontrole das forças, “promovendo um caos psíquico, moral, social e, antes de tudo, orgânico” (p. 23). Acrescente-se a isso, ainda, o fator socioeconômico que significa que se vive no Brasil uma situação de exclusão em termos de renda e acesso a equipamentos e serviços públicos básicos, da saúde à cultura, da educação à informática. Neste quadro, segundo a pesquisadora Mayora Ronsini

estudar os processos identitários no cotidiano e seus vínculos com os meios de comunicação tecnológicos é estar vigilante ao pressuposto de uma cultura juvenil universal, partilhada por todos. (RONSINI, 2007, p. 55)

Ela cita os estudos de Singer (2005) para verificar que grande parte dos jovens está, de fato, vulnerável a estas influências. A notar pelos números alarmantes que confirmam a pobreza em sua acepção mais clara:

42% deles vivem em famílias com renda de até dois salários mínimos e outros 31% em famílias com dois a cinco salários mínimos de renda, 40% dos jovens brasileiros estão desempregados e 36% trabalham, majoritariamente, na informalidade. (SINGER, 2005, p. 35)

Certo que também em função deste quadro, outros autores, como Zaluar (1999), Schwarcz, Mello e Souza e Novais (1999) apontam para o enfraquecimento da sociabilidade no bairro e na família, obscurecida pela presença das organizações ligadas ao tráfico em bairros periféricos e

favelas, pela segmentação de fiéis em credos religiosos diferentes e pela ameaça do desemprego e da mobilidade social descendente. Neste cenário, passa a prevalecer a dispersão em grupos com identidades plurais contrária à situação anterior de unidade do “espectro político”. (RONSINI, 2007, p. 55) Quer-se dizer que, a partir de então, a unidade estabelecida por algum elemento institucional de identidade, seja ele a família, a religião ou os limites geográficos de uma determinada comunidade, entre outros, dá lugar a algo mais flexibilizado e tênue, volátil e efêmero.

Uma situação que denota bastante coerência com as concepções de identidade propostas por Hall (2002) quando o autor culturalista desenvolve sua tese de evolução do sujeito até chegar ao que chama de sujeito pós-moderno, na seguinte ordem:

- a) a do sujeito do Iluminismo, um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação; b) a do sujeito sociológico, refletindo a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo ou auto-suficiente, mas dependente da relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo que habitava. A identidade, neste caso, preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público; e c) a do sujeito pós-moderno,

que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente; ela na verdade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ela é definida historicamente, e não biologicamente. (HALL, 2002, pp.12-3)

Para identidades cambiantes, relacionamentos igualmente cambiáveis. Ou líquidos, na acepção de Bauman adotada em vários de seus livros. Em *Amor líquido*, por exemplo, está delineada a “fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira” (2004, p. 8), numa forma de justificar o desejo instintivo de não optar por qualquer tipo de relacionamento duradouro. Reflexos inequívocos do que o mesmo autor houvera exposto em outros textos, como *Modernidade líquida* (2001) e *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (2003). Sobre a modernidade líquida, Bauman salienta o fato de que

os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo, por uma vez, de descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. (BAUMAN, 2001, p. 10)

Em *Comunidade*, onde o autor

contrapõe a agradável sensação de individualidade, de um possível eu suficiente com a mais absoluta falta de mobilização e de engajamento, fica evidenciada a sua crítica aos formatos atuais de reorganização das lutas sociais, segundo ele apenas “uma estratégia funcional para a manutenção dos atuais poderes hegemônicos” (BAUMAN, apud MENDONÇA, 2007). Visto deste prisma, não é mesmo tarefa das mais fáceis construir e – mais do que isso – tentar perpetuar identidades.

Se a relação entre identidade e mobilizações sociais pode ser marcada, na visão de Evers (1984) pela aproximação de laços com outros indivíduos em condições semelhantes, é preciso considerar que

as construções identitárias, nas condições históricas atuais, tendem a solidificar laços humanos, tomam tempo, requerem comprometimento e se consolidam com a visão de perspectivas futuras, mas as uniões tendem a ser de curto prazo e destituídas de perspectivas futuras, condenando a possível comunidade de interesses a se dissolver antes mesmo de se reunir e tendem a se dissolver antes mesmo de se solidificar. (MENDONÇA, 2007)²

Reflexo claro dos tempos líquidos referidos por Bauman e confirmados pela pesquisadora Mayora Ronsini, quando afirma que a identidade, atualmente, é um processo de “fazer-

se individualmente e coletivamente, na experiência social com os repertórios (...) que são confrontados ou abandonados de acordo com a circunstância ou a conveniência (RONSINI, 2007, p. 66).

AS IDENTIDADES, OS JOVENS E OS ESTUDOS CULTURAIS

Diante desta nova interface estabelecida pelo advento da Internet e suas múltiplas variáveis, uma das percepções mais notáveis pela sua sistematização diz respeito a como as empresas e instituições têm se comportado no sentido de manter elos de comunicação com o público situado na faixa etária entre os 8 e 14 anos.

Em função dos chamados novos meios comunicacionais, fortifica-se cada vez mais um novo método de representação e criação, uma nova escrita que vem modificando profundamente a relação imagem x linguagem.

Formuladas na Internet as chamadas 'imagens de síntese',³ previsionadas por Quéau (1999), vêm transformando profundamente os hábitos visuais do homem pós-moderno. É possível verificar, atualmente, sua onipresença nas ciências, artes, lazer e até mesmo na conduta da guerra.

A sociedade pós-moderna é bombardeada por uma gama de diferentes identidades e muitas

vezes parece impossível fazer uma escolha. A difusão do consumismo global e o fluxo cultural criam as chamadas identidades partilhadas.⁴ À medida que as culturas tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.

Os estudos culturais, na visão de Costa,

(...) ressaltam a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de idéias partilhadas por homens e mulheres que nela vivem. (...) Neste sentido, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado. (...) Os artefatos midiáticos e seu alcance planetário, possibilitado pelo avanço das tecnologias da informação, da telemática, têm sido os novos professores do mundo globalizado. (COSTA, 2003)

Contudo, percebe-se que as identidades sociais estão sendo formadas e formatadas através dos veículos midiáticos. É preciso, portanto, refletir sobre os papéis dos meios de comunicação, em especial a Internet, e a constituição das múltiplas identidades dessa sociedade midiática pós-moderna em que estamos inseridos.

Se, na visão de vários autores, já

vivemos intensa e inexoravelmente a cultura dos meios, talvez o caminho mais razoável para mensurar seus efeitos e consequências seja partir do entendimento lato do que é cultura, ainda que tenhamos a ciência do quanto é igualmente perene a procura de um significado minimamente incontestável para o termo.

NOTAS

1. Entende-se aqui por "comunidade de identificação" a visão do sociólogo americano Michael Schudson (1998), que refere-se a elas como sendo uma comunidade de cidadãos com pontos de interesse ou de identidade em comum.
2. Texto-comentário da professora Maria Luisa Martins de Mendonça, apresentado durante o Seminário Mídia e Cidadania, realizado pela Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás, em setembro de 2007. Original inédito..
3. Imagens digitalizadas, abstratas, formadas a partir da linguagem matemática e programas informáticos.
4. Identidades Partilhadas - se formam entre pessoas distantes umas das outras e que são expostas às influências externas. Na visão de Hall, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.
- _____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.
- _____. Globalização. As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- _____. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.
- _____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- COSTA, Maria Vorraber. Culturas do ensinar e culturas do aprender - Quando o desencontro, a incerteza, o imprevisível são bons para pensar. FAEB - Arte - Educação Culturas do Ensinar e Culturas do Aprender. Goiânia: FAV/FAEV, pp.19-34, 2003.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MENDONÇA, Maria Luisa Martins de. As tribos e a socialidade. Texto-comentário apresentado durante o Seminário Mídia e Cidadania, realizado pela Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás, em setembro de 2007. Original inédito.
- MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing. On postmodernism and articulation: an interview with Stuart Hall. In: Critical dialogues in cultural studies. London: Routledge, 1996.
- QUÉAU, Philippe. O tempo virtual In: Imagem Máquina. PARENTE, André (org). Rio de Janeiro: Ed 34. pp. 91-99, 1999
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. In: LINS, Daniel (org.). Cultura e subjetividade: saberes e modos. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997. Cap. 2, pp. 19-24.
- RONSONI, Veneza Mayora. Mercadores de sentido. Consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007.
- SINGER, Paul. A juventude como corte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (org.) Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, pp. 27-36
- ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.4, pp. 245-318.